

## DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS MUSEOLÓGICAS: PERSPECTIVA HISTÓRICA NA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ<sup>1</sup>

### *DEVELOPMENT OF MUSEOLOGICAL PRACTICES: HISTORICAL PERSPECTIVE AT OSWALDO CRUZ FOUNDATION*

Marcio Ferreira Rangel<sup>2</sup>  
Bruno da Silva Mussa Cury<sup>3</sup>

**Resumo:** O artigo tem por objetivo analisar o desenvolvimento das práticas museológicas na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Desde sua fundação encontramos indícios de iniciativas relacionadas às coleções e organização de espaços que, algumas décadas depois, seriam denominados e institucionalizados como museologia. Para a compreensão deste processo, consideramos fundamental a realização de um breve histórico dos antecedentes da Instituição que nos permitisse visualizar a sua formação e a composição dos processos de trabalho, processos esses que se traduziram na constituição de coleções que marcaram um perfil institucional. Estas coleções que formam o acervo da Fiocruz incluem: as coleções biológicas, os conjuntos arquitetônicos, o acervo bibliográfico e o acervo documental. Como um dos principais mecanismos de disseminação da informação gerada por este Instituto, identificamos a realização de exposições, desde os primeiros anos de seu funcionamento, e a criação de museus. Essas iniciativas são identificadas como uma das primeiras práticas museológicas desenvolvidas pela Fundação, que no decorrer dos anos se ampliaram e consolidaram, até se transformarem em uma cultura institucional que têm como um dos seus eixos estruturantes a preservação e a divulgação da memória científica referenciada em todo o seu acervo histórico. Contemporaneamente, a Fundação Oswaldo Cruz possui um conjunto de ações relacionadas a preservação e gestão do patrimônio científico e cultural, formado no decorrer das décadas de sua existência.

**Palavras-Chave:** museologia, patrimônio da Fiocruz, práticas museológicas, patrimônio científico e cultural.

**Abstract:** *The article aims to analyze the development of museological practices at the Oswaldo Cruz Foundation (Fiocruz). Since its foundation, there are indications of initiatives related to collections and the organization of spaces that, a few decades later, would be termed and institutionalized as museology. To understand this process, we consider it essential to provide a brief historical overview of the institution's antecedents, which allows us to visualize its formation and the composition of*

---

<sup>1</sup> Texto ampliado a partir de artigo submetido, avaliado, aprovado, apresentado e premiado no XXII ENANCIB.

<sup>2</sup> Doutor em História das Ciências (PPGHCS/COC/Fiocruz). Pesquisador do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). E-mail: [marciorangel@mast.br](mailto:marciorangel@mast.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8208-3115>.

<sup>3</sup> Doutorando em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS/UNIRIO). Servidor Público da Fundação Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz). E-mail: [bruno.cury@fiocruz.br](mailto:bruno.cury@fiocruz.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0044-5136>.

*work processes that led to the creation of collections that defined its institutional profile. These collections, which form Fiocruz's heritage, include biological collections, architectural ensembles, the bibliographical collection, and the documentary collection. One of the main mechanisms for disseminating the information generated by this Institute is the organization of exhibitions, which have been carried out since its early years of operation, as well as the creation of museums. These initiatives are identified as some of the first museological practices developed by the Foundation, which expanded and consolidated over the years, eventually becoming an institutional culture that revolves around the preservation and dissemination of the scientific memory referenced in its entire historical collection. In contemporary times, the Oswaldo Cruz Foundation has a set of actions related to the preservation and management of scientific and cultural heritage, which have been formed throughout its decades of existence.*

**Keywords:** *museology, Fiocruz heritage, museum practices, scientific and cultural heritage.*

## 1 INTRODUÇÃO

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) ergue-se inconfundível às duas margens da Avenida Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, uma via larga e movimentada que se estende como uma das principais vias de acesso ao Centro da cidade para aqueles que a adentram pelas rodovias que passam por toda a região da baixada fluminense ou procedem de regiões nos limites municipais mais distantes dos bairros tidos como centrais na metrópole.

Nos dias de hoje pode parecer difícil ao senso comum visualizar ou imaginar as camadas da história presentes na paisagem geográfica onde se encontra os *campi* da Fiocruz nos bairros de Manguinhos e da Maré. Mas no final do século XIX, a região compreendia um cenário completamente diferente, uma outra paisagem. Onde hoje avista-se imponente o Castelo em meio a um conturbado cenário intensamente urbanizado (com todas as contradições apontadas), havia uma fazenda abandonada, que era naturalmente alagada e repleta de pequenos manguezais. Nessa que era a então enseada de Inhaúma, conhecida, por isso, como Manguinhos – atualmente preponderantemente aterrada, mas que manteve o nome. A área, até então negligenciada, tinha sido expropriada pelo governo com o intuito de estabelecer um

centro destinado à incineração de lixo urbano produzido na região central da cidade naquele tempo.

No referido território, há duas colinas separadas por um trecho baixo que era preenchido pela vegetação que tomou a área com a descontinuação das plantações na região, no final do século XX. O local abrangia uma extensão consideravelmente maior do que os limites atuais da Fiocruz. O topo da colina mais próxima ao mar é onde ficava a sede da antiga fazenda desocupada, e junto a ela existiam também outras edificações secundárias adjacentes. Aquelas construções, após reformas, passaram a abrigar o laboratório destinado à produção de soros e vacinas contra a peste bubônica. As obras de adaptação para receber um instituto soroterápico, que ali seria estabelecido, tiveram início em dezembro de 1899.

[...] pelo doutor Pedro Afonso Franco, digníssimo barão e proprietário do Instituto Vacínico Municipal, onde é produzida a vacina antivariólica. A prefeitura do Rio contratou-o para organizar o laboratório antipestoso, e ele viajou para a Europa a fim de adquirir os equipamentos listados por um médico mais jovem, Oswaldo Gonçalves Cruz, há pouco chegado de Paris, onde fez estudos de especialização no Instituto Pasteur. Por isso foi contratado como diretor técnico do Instituto Soroterápico municipal. Transferido para alçada federal, o Instituto entra em funções em 23 de julho de 1900, e logo envia à Diretoria de Saúde Pública os primeiros frascos da vacina e soro antipestosos (Benchimol, 2014, p. 22).

No contexto histórico, era o princípio da Primeira República brasileira, também chamada “República Velha” pela historiografia. Antes de desenvolver os planos de um instituto soroterápico, mas já no ano de 1899, uma contingência sanitária específica resultou na incorporação do médico sanitarista Oswaldo Cruz a uma missão da Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP)<sup>4</sup>. O médico foi convocado pelo governo para viajar a Santos a fim de diagnosticar uma doença que se manifestava na região

---

<sup>4</sup>A DGSP era o órgão dedicado às questões de saúde pública vinculada ao Ministério da Justiça e Negócios do Interior quando ainda não existia um Ministério da Saúde na estrutura do governo do Brasil.

portuária e se espalhava pela população da cidade, identificada por Oswaldo Cruz no relatório da investigação como sendo a peste bubônica (Cruz, 1972).

Por volta da virada do século XIX para o século XX o controle da peste bubônica era possível através do soro terapêutico, da vacina e da eliminação dos ratos, que eram os vetores da doença, essa passada aos humanos pelas pulgas desses roedores. No entanto, Oswaldo Cruz destacou o fato de o Brasil não possuir nem o soro terapêutico, nem a vacina em quantidade suficiente para atender a população que poderia vir a ser afetada, e tampouco condições para produzir qualquer um dos dois. Constatado tal fato, demonstrou-se a ameaça que a doença representava, não somente ao local do diagnóstico, mas, sobretudo, à mais importante cidade e principal centro econômico do país, o Rio de Janeiro, então Capital Federal. Assume-se, assim, o discurso de que a mobilização de uma instituição com tal objetivo e recursos era uma urgência. Dessa forma, tal instituição no Rio de Janeiro se materializou com a criação do Instituto Soroterápico Federal, ou Instituto de Manguinhos (Stepan, 1976). As atividades do Instituto de Manguinhos tiveram início no dia 25 de maio de 1900. O primeiro Diretor da Instituição foi o Barão de Pedro Afonso, médico que acumulava a função de Diretor do Instituto Vacínico Municipal ao novo cargo.

Oswaldo Cruz liderava a equipe que compunha o corpo médico-técnico da Instituição, porém, em uma posição subalterna à do Barão. Do posicionamento de Oswaldo Cruz desde a viagem a Santos advieram desdobramentos com ressonâncias até o presente, o que cobriu sua trajetória no Instituto, local ao qual dedicou o trabalho de sua vida desde então. Desentendimentos entre Pedro Afonso e Oswaldo Cruz resultaram na saída do Barão em 1902. A partir desse ponto, Oswaldo Cruz assumiu a direção do Instituto Soroterápico Federal, sendo um fervoroso defensor da pesquisa em medicina experimental e da microbiologia. A implantação de um modelo

avançado de saúde pública era um de seus objetivos, visando transformar a realidade de insalubridade presente no Brasil de então (Câmara; Granato; Sá, 2009).

Pelo conjunto sociotécnico que se formou em torno da retirada de Pedro Afonso e subsequente liderança de Oswaldo Cruz à frente dessa Instituição, se iniciaram mobilizações que tiveram consequência nas primeiras ações com relevância para a análise no campo da Museologia.

## 2 REDE E TRADUÇÕES

O pesquisador da área de Ciência-Tecnologia-Sociedade (Estudos CTS)<sup>5</sup> Henrique Cukierman (2007) constata que “[...] na senda da ciência, não existe viagem solitária”. Os cientistas envolvidos em todo esse processo, juntamente com os setores políticos afetados por pressões de ordem econômica e social, participaram de um movimento identificado e definido pelo pensador Bruno Latour (2000) como tradução (ou translação, conforme interpretação linguística)<sup>6</sup>. O referido autor compreende esse movimento dentro da ideia de rede, noção que Cukierman (2007) traz para o contexto em observação:

Para explicar o conceito de tradução, além do destaque a vínculos sólidos entre interesses distintos, Latour valeu-se da ideia de rede, a qual se presta perfeitamente a dar conta das múltiplas operações efetuadas sobre uma legião de representantes, de intermediários de todos os gêneros, aliados ou adversários, seres humanos ou não, que mesmo numerosos, dispersos, longínquos, inacessíveis,

---

<sup>5</sup>Campo de investigação difundido a partir dos anos 1980 que norteia conceitualmente a investigação proposta. Considera, resumidamente, o conhecimento científico enquanto permanente associação entre o “técnico” e o “social”, o que resulta em híbridos de ciência e cultura que colocam lado a lado as ciências e a sociedade. O pensador Bruno Latour é o teórico que serve de referencial no presente trabalho.

<sup>6</sup> Segundo Latour, “transladar” (ou “traduzir”) interesses significa: “[...] ao mesmo tempo, oferecer novas interpretações desses interesses e canalizar para direções diferentes. [...] [O]s resultados de tais translações são um movimento lento de um lugar para o outro. A principal vantagem dessa mobilização lenta é que problemas de âmbito restrito (como o do orçamento da ciência [...]) agora estão solidamente amarrados a problemas bem mais amplos [...], na verdade tão bem amarrados que ameaçar os primeiros equivale a ameaçar os segundos. Sutilmente urdida e cuidadosamente atirada, essa finíssima *rede* pode ser muito útil para manter os grupos em suas malhas” (Latour, 2000).

se encontram traduzidos e articulados na rede [...] aquilo que verdadeiramente apontava no horizonte era o embrião de uma rede de ciência e saúde pública no país, cuja consolidação, nesta passagem crucial, relacionava-se com uma tradução capaz de mobilizar recursos necessários à criação das instituições soroterápicas (Cukierman, 2007, p. 59).

De maneira breve, a *rede*<sup>7</sup>, dentro do referencial teórico citado, se refere a fluxos, circulações, alianças, e movimentos, ao invés de se remeter a uma entidade fixa. Uma *rede de atores* não é redutível a um único ator, pois é composta de séries heterogêneas de elementos animados e inanimados conectados e agenciados. Para Latour (2019), a *rede de atores* deve ser diferenciada dos tradicionais atores da sociologia, uma categoria que exclui qualquer componente não-humano. “Mais flexível que a noção de sistema, mais histórica que a de estrutura, mais empírica que a de complexidade, a *rede* é o *fio de Ariadne*<sup>8</sup> destas histórias confusas” (Latour, 2019).

O pensador Steven Shapin (2013) faz um exercício argumentativo para questionar a suposta *pureza* da ciência: “Vivemos em um mundo Científico? Supondo que poderíamos concordar quanto ao sentido que tal declaração poderia ter, há muitos indícios de que não vivemos agora, e de que nunca vivemos em um mundo científico”. O autor defende que a ciência, diferente do que o senso comum infere acerca de sua *autoridade*, sempre foi um empreendimento humano. Seu argumento parte do pressuposto de que o erro é parte do ato de ser humano, e que por essa

---

<sup>7</sup>A autoria do conceito de *rede* não é de Bruno Latour. Esse pensador se utiliza do conceito e o reelabora para os fins metodológico-analíticos que desenvolve em sua obra. O termo *rede*, para fora do âmbito do artefato e como conceito para designar um sistema integrado de pontos que se interconectam (a própria *rede*), passa por Auguste Comte no século XIX e é incorporado por outras escolas até chegar no século XX, quando será desenvolvido pelos Estudos CTS (referência para esse trabalho) com Latour e outros autores que o estendem e o aplicam a diversos subcampos.

<sup>8</sup>Resumidamente, Ariadne é uma personagem da mitologia grega descrita no poema épico de Apolônio de Rodes “As Argonáuticas” que foi escrito no século III a.C. Segundo o mito, Ariadne ofereceu ajuda a Teseu no combate ao Minotauro que habitava o labirinto de Dédalo em troca de seu amor. Ariadne deu a Teseu uma espada e um fio de lã (o “Fio de Ariadne”) para que ele pudesse achar o caminho de volta do complexo labirinto, onde, do lado de fora, ela permaneceria segurando a outra ponta.

compreensão a ciência só pode ser entendida quando se reconhece suas conquistas como parte do esforço humano, que é falível, imperfeito e está situado historicamente. Com esse referencial, é possível identificar o avanço da Museologia nos processos institucionais da Fiocruz dentro da *rede* formada como parte do esforço humano situado historicamente no processo científico institucional. Esforço em um quadro onde o fazer científico se dá no conjunto de forças operantes, algo que não é nada “puro”, “universal” e “neutro”, mas que está inserido no processo social que a própria ciência compõe. Assim, a questão de interesse para o campo da Museologia trabalhada nesse texto, considerando os aspectos do processo histórico apontado, se dá na identificação de procedimentos museológicos em atividades institucionais que foram implementados no *tecer* da *rede* sociotécnica desenvolvida na Instituição.

Os processos da ciência e da saúde no Brasil do princípio do século XX se traduziram de modo a levar Oswaldo Cruz, já Diretor do Instituto, a se tornar também chefe da Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP) em 1903. Para contribuir com a discussão da reforma dos serviços sanitários no Congresso Nacional, Oswaldo Cruz defendeu em nota escrita que o Instituto Soroterápico Federal fosse convertido em Instituto para estudo das doenças infecciosas tropicais, segundo as linhas do Instituto Pasteur de Paris (Stepan, 1976).

Apesar da proposta de Oswaldo Cruz para criação de um instituto de microbiologia não ter sido aprovada no Congresso, ele encontrou outra forma de investir nas pesquisas na área biomédica. Utilizando parte das verbas destinadas às campanhas sanitárias no Rio de Janeiro, Cruz decidiu construir um conjunto arquitetônico que permitisse a ampliação da gama de produtos biológicos produzidos, além de proporcionar a realização de um maior número de pesquisas e projetos de ensino na área. Esses investimentos foram fundamentais para o avanço dos estudos em anatomia patológica, graças à mobilização de recursos financeiros,

materiais, espaço físico adequado, além do afluxo de doutorandos e médicos que foram atraídos para a instituição (Benchimol, 1990).

Além da direção do Instituto de Manguinhos, Oswaldo Cruz liderou a saúde pública brasileira entre 1903 e 1909 estando a frente da DGSP. Foi nessa posição que conseguiu remanejar recursos, angariar aliados e mobilizar esforços para implementar o projeto de construção de novos edifícios e para adquirir os equipamentos que julgou, em conjunto com o time de cientistas do Instituto, necessários para a realização de pesquisas conforme o referencial pasteuriano que preconizavam (Benchimol, 2001, p. 54).

Logo que assumiu a direção do Instituto, portanto, o médico iniciou a construção dos edifícios que serviriam para dar continuidade à produção de soro antipestoso e que ficaram prontos em menos de dois anos, empreendimento realizado entre 1904 e 1905. Esses edifícios foram a nova Cavalariça e o Pavilhão do Relógio, que ficou conhecido também como Pavilhão da Peste em alusão aos insumos que eram produzidos no local, em referência direta ao objetivo inicial do Instituto de combater a peste bubônica, que se deu por consequência das *traduções* citadas desde a viagem de Oswaldo Cruz a Santos.

A partir dessas primeiras construções, Oswaldo Cruz passou, então, a se dedicar ao ambicioso plano de dotar o Instituto de uma edificação principal para servir como sede que fosse também uma referência simbólica. Referência simbólica que no curso do processo de sua idealização e execução se *traduziu* em uma construção que não só assumisse a função de abrigar os novos laboratórios de Manguinhos, mas que também expressasse através de sua imponência as ambições da instituição que desejava se consolidar. Tal edificação se materializou no Castelo Mourisco (Coelho; Silva; Zouain, 2020, p. 569).

Para uma compreensão mais completa da rede que deu origem ao complexo institucional, é importante contextualizar a situação histórica em que ocorreu a revitalização urbana do Rio de Janeiro sob a liderança do prefeito Pereira Passos. Nesse contexto, a Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP), liderada por Oswaldo Cruz, teve uma atuação preponderante. Foi durante esse período que o Castelo Mourisco, o edifício central representativo funcional e simbólico da Instituição, teve sua construção sendo concluída gradualmente entre os anos de 1914 e 1918. O processo de construção do Castelo foi marcado por diversas traduções que culminaram na sua conclusão. Vale ressaltar que a verba utilizada para essa finalização da construção do Castelo veio da venda de um insumo desenvolvido pelo próprio Instituto: a vacina veterinária contra a Peste da Manqueira. Esse sucesso nas pesquisas empreendidas pela instituição permitiu a consolidação do Instituto e a ampliação de suas atividades (Benchimol, 2001).

A opção de construir o Castelo no alto da colina, com sua fachada voltada para a Baía de Guanabara que, na primeira década do século XX, estava mais próxima do terreno, foi supostamente proposital. O Castelo na bucólica paisagem diante do mangue podia ser visto com destaque desde a região central da cidade (o que é possível até hoje, na atual região portuária passando pela Praça Mauá, no Centro do Rio).

Quando imaginou como seria a sede do novo Instituto, ao rascunhar, Oswaldo Cruz apontava para uma construção em estilo medieval. A ideia se traduziu para o estilo mourisco devido a participação do arquiteto Luiz de Moraes Junior. No rascunho, a construção tinha uma parte central ladeada por duas alas aparentemente transversais que se aprofundavam na área do terreno, dezessete janelas frontais e uma grande porta com escada de acesso sobre o embasamento.

O projeto do Castelo foi sendo alterado e ampliado por influência direta de novas impressões obtidas em estudos e em decorrência das viagens do médico junto ao arquiteto. Em duas dessas ocasiões, Oswaldo Cruz e Luiz de Moraes Junior viajaram para participar de grandes exposições internacionais de higiene e saúde, a primeira em 1907, em Berlim, e a segunda em 1911, em Dresden (às quais serão abordadas adiante).

A execução do projeto arquitetônico imprimindo o estilo mourisco traz semelhanças com outras construções nesse estilo na Europa, a exemplo do Observatório Montsouris, no prédio que foi construído em Paris como o Pavilhão da Tunísia na Exposição Universal de 1889. Tais semelhanças não são ao acaso, a construção citada foi visitada por Oswaldo Cruz durante sua passagem no Instituto Pasteur entre 1897 e 1899 para especialização em microbiologia. Nessas viagens, ambos também tiveram contato com a sinagoga central de Berlim, que é outra clara inspiração, podendo ser observada nas semelhanças que se apresentam no Castelo da Fiocruz (Oliveira, 2003).

As áreas projetadas para instalação dos laboratórios foram feitas absolutamente dentro dos preceitos da microbiologia (assépticos, bem iluminados, arejados e com paredes e piso claros). Essas áreas convivem com outras, como as de circulação no prédio, os salões nobres de leitura e recepção, e as fachadas, que são espaços repletos de revestimentos decorativos em alto-relevo com arabescos em profusão de inúmeras formas simétricas tipicamente islâmicas.

O processo de construção do Castelo durou até o ano de 1918, sendo que a ocupação dos espaços funcionais do prédio se iniciou ainda em 1909, em meio as obras. Oswaldo Cruz trabalhou no Castelo até seu afastamento em 1916, devido a saúde debilitada, e falecendo pouco tempo depois, em fevereiro de 1917. Até que a construção fosse concluída em 1918, espaços foram sendo ocupados conforme iam

ficando prontos, e o próprio projeto incorporou modificações mesmo quando já estavam em curso as obras de construção (Aragão, 1950).

A Coleção Entomológica do Instituto (primeira coleção biológica da Instituição) tem seu marco de origem ainda em 1901, época da direção do Barão de Pedro Afonso. Ela advém da descrição do mosquito *Anopheles lutzi* feita por Oswaldo Cruz, a partir da qual publicou o primeiro artigo científico do Instituto. E os primeiros espécimes-tipo da Coleção Entomológica que se formou são frutos dessa pesquisa. No entanto, com o Barão centrando sua gestão somente na linha de produção do soro antipestoso, a pesquisa básica não era ainda uma linha de trabalho reconhecida. Historicamente situadas, tais coleções se incorporaram à política institucional ainda no início do século XX. Como descrito na passagem de Manuela da Silva e Magali Romero Sá, as coleções, quando viviam o princípio de sua constituição:

[...] faziam parte da política institucional já voltada ao combate de doenças parasitárias causadas por bactérias e protozoários e transmitidas por insetos, moluscos e outros vetores. Foi durante as expedições científicas e de ações de combate à essas doenças que pesquisadores da instituição coletaram, analisaram e depositaram material biológico de diferentes regiões do Brasil na Instituição (Silva; Sá, 2016, p. 176).

Com o passar do tempo, os acervos cresceram tanto numericamente como em abrangência. Os exemplares que foram sendo incorporados não estavam necessariamente envolvidos com doenças, de modo que o Instituto de Manguinhos passou a desempenhar “[...] papel similar ao de um Museu de história natural, cuja função precípua seria inventariar a fauna e a flora de seu território” (Benchimol; Sá, 2006, p. 166).

As coleções científicas que vão se constituindo, portanto, principalmente como resultado da pesquisa científica, passam a ser responsáveis por grande parte do

reconhecimento da qualidade da pesquisa realizada no Instituto Oswaldo Cruz (Rangel, 2011).

O Instituto se apresentou no XVI Congresso de Higiene e Demografia ocorrida em Berlim, em 1907, onde terminou recebendo o primeiro prêmio do evento. Anos depois, teve centralidade no desenvolvimento do pavilhão brasileiro na Exposição Internacional de Higiene de Dresden, em 1911. Essas exposições foram projetadas por Luiz de Moraes Junior com direção de Oswaldo Cruz em todos os processos (Benchimol, 1990).

Iniciativas de divulgação acontecem, portanto, desde quando a Instituição deu início às suas atividades, e como consequência de um processo de *traduções* iniciados antes de sua existência. Estratégias como a participação em exposições internacionais como as citadas serviram para angariar atenção e simpatia da sociedade e da classe política em particular, além de obter o importante reconhecimento internacional (um recurso para justificar a relevância do trabalho realizado). Daí se traduz o surgimento de espaços expositivos dedicados à memória que não estavam definidos no projeto arquitetônico até o final de sua execução, o que, conseqüentemente, leva à construção do mito de Oswaldo Cruz (Britto, 1995). A transformação da sala onde Oswaldo Cruz trabalhou para a finalidade de memorial a sua pessoa foi relevante para tal. A sala foi mantida intacta e batizada de Museu Oswaldo Cruz, aberto apenas a visitas especiais. A partir de então, uma coleção histórica começou a ser formada (Soares; Nogueira, 2017).

As coleções biológicas que tiveram início em 1901 e que vinham sendo regularmente constituídas desde 1903 resultaram na criação do Museu de Anatomia Patológica. Esse Museu ocupou o grande salão da ala sul do terceiro pavimento, e era constituído por “[...] amostras de anatomia patológica, parasitologia, micologia e

entomologia coletadas por pesquisadores da instituição durante seus trabalhos investigativos” (Soares; Nogueira, 2017, p. 13).

Enquanto liderava a DGSP, Oswaldo Cruz continuava a frequentar o Instituto de Manguinhos semanalmente em dias alternados. Além de fiscalizar o trabalho dos pesquisadores, acabou por iniciar a prática das sessões científicas às quartas feiras, atividade que foi embrionária da formação do acervo bibliográfico da instituição (Benchimol, 1990).

Isso constituiu também uma iniciativa que se traduziu em um acervo de relevância cultural para o Brasil na Instituição. Sobre o que foi constituído ao longo do processo histórico institucional, a Biblioteca de Manguinhos vivenciou uma progressiva expansão e enriquecimento.

Em 1909, existiam cerca de três mil volumes e o número de periódicos cresceu de 98 do início do século para 421 títulos. O aumento do número de títulos do acervo da Biblioteca de Manguinhos sempre esteve associado ao sucesso das atividades científicas e de saúde pública realizadas pela Fiocruz. Por exemplo, no início, em 1907, o recebimento da medalha de ouro pelo IOC na Exposição Internacional do XIV Congresso de Higiene e Demografia de Berlim, pelas campanhas de saneamento do Rio de Janeiro, teve reflexos positivos para a biblioteca, repercutindo no aumento considerável de títulos por doação ou permuta (Bortoletto; Sant’Anna, 2002, p. 191).

O empreendimento dessas iniciativas que são diversas, mas complementares entre si ainda nos primeiros anos da Instituição serviu à construção de processos de trabalho que se reverberam até o presente. Tais iniciativas podem ser identificadas quando definido um perfil histórico institucional. Os processos apontados até aqui podem ser listados, estando ligados (1) ao início da formação da primeira coleção biológica; (2) ao projeto arquitetônico de edificações funcionais com caráter monumental; (3) à instauração de um museu acadêmico incorporado ao projeto do Castelo Mourisco; (4) à formação de acervo bibliográfico; e (5) à execução das exposições internacionais para a exibição de acervo, de dados e de trabalhos

desenvolvidos em montagens sobre realizações científicas do Instituto em grandes eventos internacionais. Assim, os precursores de deslocamentos de processos institucionais nas décadas que se sucederam estão ligados: (1) ao surgimento de espaços expositivos dedicados à memória que não haviam sido previstos no projeto arquitetônico original; (2) à ampliação de tipologias de coleções biológicas e seus respectivos acervos; (3) à proteção das coleções do acervo contra o descarte indiscriminado<sup>9</sup>; (4) ao desenvolvimento de departamentos e unidades técnico-científicas da Instituição com finalidade de resgatar, preservar e gerir, o patrimônio científico e cultural da Instituição pela promoção da memória; (5) à ampliação de espaços museológicos na virada para o século XXI; e (6) à institucionalização de processos relacionados à memória e ao patrimônio com o desenvolvimento de projetos, programas e políticas para formação, preservação e divulgação de acervos, e divulgação e popularização das ciências.

A gestão de Oswaldo Cruz traduziu-se na constituição e estabilização de processos de trabalho, com desdobramento à construção de algumas das edificações funcionais com propósitos monumentais que caracterizam fortemente a Fiocruz até hoje. Para o caso específico desse trabalho, cabe identificar os marcos inscritos ao longo da história da Fiocruz para verificar o desenvolvimento de processos de interesse analítico, da mesma forma que a Museologia identifica nos gabinetes de curiosidades os marcos fundamentais dos museus ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX (Rangel, 2013, p. 410).

Esse processo de reconhecimento tem como objetivo compreender esses marcos à luz da dinâmica da *rede* sociotécnica institucional. No âmbito do campo da Museologia, cabe ressaltar o pensamento da teórica Tereza Sheiner (2008). Ela afirma

---

<sup>9</sup> Em referência ao pior período de intervenção governamental na Instituição, o *Massacre de Manguinhos*, tratado adiante nesse texto.

ser um equívoco o julgamento de que a ideia de Museu se origine a partir de um espaço físico específico. A origem do Museu não está, segundo sua avaliação, sujeita a um lugar em particular. A pesquisadora defende que o Museu é um fenômeno que se dá em processo e que está vinculado à dinâmica dos processos culturais em pluralidade:

Se o Museu não é o espaço físico das musas, mas antes o espaço de presentificação das ideias, de recriação do mundo por meio da memória, ele pode existir em todos os lugares e em todos os tempos: ele existirá onde o homem estiver e na medida em que assim for nomeado (SCHEINER, 2000 *apud* SCHEINER, 2008, p. 41).

Considerando essa interpretação, pode-se identificar momentos em que se observa a insipiência de processos museológicos que continuariam a se desenvolver na Fiocruz. A atuação dos servidores da Instituição (das áreas da pesquisa, da gestão e da manutenção), desde quando liderados por Oswaldo Cruz, imprimiu um caráter institucional peculiar para um processo institucional, possibilitado pelo conjunto de associações possíveis, sobretudo quanto à construção de conhecimento e registro de procedimentos em uma jovem república sul-americana repleta de contradições sociais e econômicas como o Brasil. Tal caráter compreendeu a implementação de linhas de pesquisa e métodos de análise que possibilitaram o desenvolvimento de espaços de guarda, documentação e registro das atividades realizadas. Assim, é possível reconhecer em algumas ações seu papel para a estabilização de uma *rede* que suportasse um Instituto com ambição de desenvolver pesquisas de referência, e que demandava a mobilização de recursos e, conseqüentemente, estrutura para abrigá-los.

O ambiente histórico-social em que se deram os empreendimentos vinculados à Instituição ilustra as ideias de *tradução* e *rede*, identificáveis nas disputas em curso constante. As situações que podem ilustrar a dinâmica de tais forças estão: nas

controvérsias, no(s) projeto(s) de Estado, na(s) revolta(s) popular(es), e no desembarque no Brasil (na virada para o século XX) de um modelo de ciência médica baseada na microbiologia, incorporado como parte de um projeto para o desenvolvimento nacional da recente república. Pela associação de homens das ciências médicas, da política e por meio da aplicação de tecnologias incorporadas e desenvolvidas nessa *rede*, empreendeu-se novas entradas nos campos das ciências associadas ao empreendimento institucional. Esses movimentos envolveram deslocamentos de agentes para o interior e para o exterior do país, em que um fluxo amparou/justificou o outro.

As coleções biológicas em particular são parte fundamental do processo histórico institucional que hoje se traduz na Fiocruz. Porém, cabe destacar a difícil preservação de acervos e coleções que foram consideradas descartáveis em decorrência da intervenção estatal sofrida pelo Instituto. Tal intervenção resultou, entre outros agravos, na cassação de cientistas e de linhas de pesquisa no período que é registrado na história institucional como *O Massacre de Manguinhos* (Lent, 2019), ocorrido no tempo da ditadura empresarial-militar<sup>10</sup> brasileira entre 1964 e 1985.

Esse fato marcou catastroficamente a história da Instituição. No episódio, dez pesquisadores foram cassados. *O Massacre* não se limitou apenas à expulsão de renomados cientistas da Instituição, toda a estrutura física que havia foi integralmente desmantelada, e coleções científicas com material sensível foram descartados ou transportados em condições impróprias para um armazenamento

---

<sup>10</sup> A opção por definir a ditadura brasileira como “empresarial-militar” advém do fato de ser a expressão atualmente mais utilizada pelos historiadores estudiosos desse período. Para uma caracterização do conceito ver Campos (2012).

inadequado, ocasionando danos irreparáveis a exemplares das coleções e muitas perdas de materiais (Costa *et al.*, 2008, p. 408).

Pode-se perceber a institucionalização de processos específicos da Museologia após a conversão do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) em Fundação (Fiocruz)<sup>11</sup>. Em 1970 quando, por ocasião do centenário de nascimento do patrono do IOC em 1972, o Museu Oswaldo Cruz ampliou sua área passando a ocupar mais duas salas adjacentes, totalizando três espaços. A exposição era dedicada à memória de Oswaldo Cruz e aos trabalhos científicos realizados na Instituição. Outras iniciativas do tipo que se sucederam ao longo dessa década foram: o Museu Didático Marquês de Barbacena, que ocupou o edifício da Cavalaria que se destinava a oferecer uma visão sintética dos trabalhos e pesquisas realizadas na instituição; e o Museu Científico do Instituto Oswaldo Cruz, que intencionava tratar de uma síntese da história da saúde pública no Brasil, por meio de documentos, fotografias e artefatos científicos (Soares; Nogueira, 2017).

A partir da redemocratização do Brasil em 1985, ocorre como *tradução* do processo histórico na Instituição a criação da unidade técnico-científica Casa de Oswaldo Cruz (COC). Nessa unidade, se instituiu linhas de pesquisa para produção de conhecimento no campo da História das Ciências e da Saúde. Por essa mesma unidade, se desenvolveram procedimentos e ações pela preservação, valorização e divulgação do patrimônio arquitetônico, urbanístico, arqueológico, arquivístico, bibliográfico e museológico que se constituiu na Fiocruz ao longo de décadas (Casa de Oswaldo Cruz, 2013). Também em meados dos anos 1980, se iniciou o projeto de identificação e tratamento das obras raras que constam no acervo da Biblioteca de

---

<sup>11</sup> O IOC foi mantido como unidade técnico-científica dedicada às pesquisas no campo das ciências biomédicas, tendo vários de seus departamentos transformados em outras unidades técnico-científicas a compor a estrutura organizacional da Fundação, que incorporava outros órgãos até então externos.

Manguinhos, o que só foi possível graças ao convênio com a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep). Em 1992, foi feita a publicação do *Catálogo de Obras Raras e Especiais da Biblioteca de Manguinhos*, um conjunto de 182 obras de referência. A sessão de obras raras recebeu o nome do primeiro bibliotecário: Assuerus Hipolitus Overmeer (Bortoletto; Sant'Anna, 2002).

Com a criação da COC, a musealização de espaços e acervos da Fiocruz ganhou força. Essa iniciativa representou um importante avanço institucional, sobretudo no que diz respeito à preservação da memória da Fiocruz. A COC é a unidade técnico-científica que passou a abrigar, captar e preservar acervos sobre os processos políticos, sociais e culturais da saúde tais como fotografias, filmes, documentos, peças museológicas e depoimentos orais que remontam o fim do século XIX até o tempo presente, integrando ao arquivo permanente da Fundação os arquivos pessoais de cientistas e sanitaristas. Desde 1999, a COC mantém como departamento da unidade o Museu da Vida Fiocruz<sup>12</sup>, que tem o objetivo de informar e educar em ciência, saúde e tecnologia (Gruzman; Ferreira; Mayrink, 2017, p. 28).

Em 2008, sob coordenação da COC, teve início o desenvolvimento de um projeto com o objetivo de desenvolver processos integrados de ações de preservação e valorização dos acervos constituídos pela Fiocruz, considerando suas diversas tipologias. Esse projeto incorporou uma diversidade de acervos que incluem o patrimônio natural, devido aos 400 hectares de Mata Atlântica sob guarda da Instituição na área do Parque Estadual da Pedra Branca, além de um patrimônio composto por acervos museológicos, arquivísticos, bibliográficos, urbanísticos, arquitetônicos, e arqueológicos, em que se consta, também, os acervos das coleções

---

<sup>12</sup> Nascido como somente Museu da Vida, passa a incorporar a sigla Fiocruz ao nome a partir da aprovação da nova marca, no âmbito do projeto de requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos, em 2020.

biológicas. Esses acervos constituem um patrimônio que está sob guarda de diferentes atores institucionais que estão em processo de trabalho distintos situados em diferentes unidades técnico-científicas da Fiocruz. A COC lidera o projeto como unidade que assume a sua formulação, no entanto, inicialmente, dependeu da colaboração em articulação com o IOC e com o Instituto de Informação Científica e Tecnológica (ICICT), unidades que também tem em seus processos a preservação e guarda das coleções biológicas e dos acervos bibliográficos respectivamente. Atualmente, o projeto abarca todas as unidades da Fiocruz, em âmbito nacional, que lidam com a guarda de acervos científicos e acervos culturais relacionados (Fundação Oswaldo Cruz, 2020).

Em suma, desde a origem da Fiocruz se constituem coleções científicas em consonância com ações expositivas, juntamente com a implementação de atividades museológicas institucionais. Essas são relacionadas a edificações, bibliotecas, arquivos, acervo iconográfico, instrumentos e equipamentos usados com finalidade de desenvolvimento de pesquisas na Instituição. Hoje, esse conjunto se configura em expressivos acervos culturais das ciências e da saúde.

Os museus e centros de ciência “[...] materializam, institucionalizam e musealizam, os contextos sociais, culturais, científicos, políticos em que se forjam” (Lopes, 2009, p. 199). Pensar a história desses locais tem sido um desafio que alguns pesquisadores da área vêm perseguindo. Norteado por essa reflexão, pode-se pensar sobre o caso específico do Museu da Vida Fiocruz como um resultado das *traduções* que ocorreram, e ocorrem, no processo de formação da Instituição. A partir do conjunto histórico que apresenta em áreas de visitação que permitem a difusão de iniciativas educacionais para além da divulgação e popularização das ciências, o Museu da Vida Fiocruz tem sua atuação em um conjunto de diversas formas

reconhecidas de patrimônio cultural e diretamente vinculadas ao próprio processo de tradução da Fiocruz no tempo.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Latour (2000) aponta, resumidamente, que quando os cientistas são “seguidos” antropologicamente (com o objetivo de analisar seus feitos) observa-se que o contexto social e o conteúdo técnico são determinantes para o entendimento da atividade científica. Caracterizando o conhecimento científico como uma construção permanente sob paradigmas<sup>13</sup> estabelecidos, pode-se concluir que a ciência apenas se estabiliza nos períodos que são determinados pela complexa *rede* de interações e condições. Ou seja, por pessoas situadas no tempo, no espaço, na cultura e na sociedade, com motivações inerentes, e por um conjunto de fatores em que socializam elementos humanos e não humanos. Nessa perspectiva, uma visita à Fiocruz pode evidenciar as razões de sua própria existência a começar pelo que representou sua construção nos termos de definição de suas diretrizes a partir de uma *rede* sociotécnica constituída desde 1899.

A teoria museológica aborda o museu como um fenômeno, que surge a partir das raízes simbólicas de grupos sociais que moldaram o chamado "pensamento ocidental". Para uma compreensão profunda do museu, é necessário enxergá-lo como um processo em constante evolução (Scheiner, 2008, p. 38).

A museologia encontra na Fiocruz espaço privilegiado para uma investigação sob o referencial apontado, pois é uma Instituição que possibilita uma perspectiva de compreensão das *traduções* no processo histórico na ciência como sociedade.

---

<sup>13</sup> Tal como definido por Thomas Kuhn, trabalhos que servem por tempo indeterminado para “[...] definir implicitamente os problemas e métodos legítimos de um campo de pesquisa para as gerações posteriores de praticantes da ciência” formam “paradigmas” (Kuhn, 2013, p. 54).

Atualmente, permanece o ícone que o Castelo e a sua silhueta se tornaram em decorrência das associações feitas ao longo desse tempo. A expansão das pesquisas biomédicas e do ensino da microbiologia seguem o processo contínuo iniciado no limiar para o século XX.

O papel inicial de uma Instituição que havia sido fundada para um fim muito menos ambicioso foi sendo redefinido pelas mobilizações de humanos e não-humanos que permanecem em curso. A conjuntura e as motivações de atores confluem, portanto, para o procedimento dessas *traduções* ao longo do tempo. O Instituto de Manguinhos, como ainda é referida a Fiocruz de maneira afetiva por muitos, é possuidor de grande riqueza, nesses termos, para uma investigação de aspectos da Museologia, partindo de sua própria vida, que encontra marcos definidos para compreensão de processos que seguem em permanente *tradução*.

Por essa reflexão, compreende-se que fatos e artefatos se desenvolvem continuamente, sem chegar a uma forma definitiva. Importa situar quando os processos se constituíram ao longo do tempo, tendo como ponto de partida, no caso destacado, o início dos trabalhos do Instituto de Manguinhos. E isso, levando em conta que, à época em que se constituíram, ainda não eram feitas – por parte dos atores diretamente envolvidos em tais processos – reflexões ou trabalhos com finalidade acadêmica a respeito do caráter museológico relacionado a tais atividades. Portanto, a Museologia na Fiocruz se mostra imbricada em um processo mais amplo desde o princípio.

Ao longo da existência da Instituição, as coleções e os espaços expositivos e museológicos se expandiram e se complexificaram, passando por momentos de rupturas e perdas, mas com permanências determinantes para uma cultura institucional que recorre à memória e à preservação do patrimônio. Hoje, existe um grande passivo histórico advindo dos períodos de crises institucionais que contribuem

ainda mais para fazer a Museologia se estabelecer como processo reconhecido por políticas institucionais específicas.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Henrique de Beaurepaire. **Notícia histórica sobre a fundação do Instituto Oswaldo Cruz (Instituto de Manguinhos)**. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, n. 48, p. 1-75, 1950. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/mioc/a/hWB8QywBBSvLY6c8DWnp64n>. Acesso em: 8 jun. 2022.

BENCHIMOL, Jaime Larry (coord.). **Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

BENCHIMOL, Jaime. O legado de Oswaldo Cruz aos olhos de um historiador. *In: CRUZ, Anna Oswaldo. Manguinhos: retratos e histórias do campus da Fundação Oswaldo Cruz*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014. p. 17-67.

BENCHIMOL, Jaime. **Manguinhos do Sonho à Vida: a Ciência na Belle Époque**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 1990.

BENCHIMOL, Jaime; SÁ, Magali Romero (ed.). **Adolpho Lutz e a entomologia médica no Brasil: apresentação histórica**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. (Adolpho Lutz obra completa, v. 2, livro 3).

BORTOLETTO, Maria Élide; SANT'ANNA, Marilene Antunes. A história e o acervo das obras raras da Biblioteca de Manguinhos. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, abr. 2002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/XhbgJVsZzVPknFBySgCXmrB>. Acesso em: 9 nov. 2022.

BRITTO, Nara. **Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

CÂMARA, Roberta; GRANATO, Marcus; SÁ, Magali Romero. As coleções microbiológicas e sua importância como patrimônio científico: o caso das coleções da FIOCRUZ. *In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. (org.). Cultura Material e*

**Patrimônio da Ciência e Tecnologia.** Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2009. p. 303-314.

CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. **A ditadura dos empreiteiros:** as empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o Estado ditatorial brasileiro, de 1964-1985. 2012. 584 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

CASA DE OSWALDO CRUZ. **Política de preservação e gestão de acervos culturais das ciências e da saúde.** Rio de Janeiro: Fiocruz: COC, 2013. Disponível em: [https://www.coc.fiocruz.br/images/PDF/politica\\_preservacao\\_gestao\\_acervos\\_coc.pdf](https://www.coc.fiocruz.br/images/PDF/politica_preservacao_gestao_acervos_coc.pdf). Acesso em: 8 jun. 2022.

COELHO, Carla Maria Teixeira; SILVA, Elisabete Edelvita Chaves da; ZOUAIN, Rosana Soares. Pavilhão Mourisco: desafios para sua preservação. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 565-582, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/TpZX8yLtBTbvnntjRhV9Fj/abstract>. Acesso em: 8 jun. 2022.

COSTA, Jane; CERRI, Danielle; SÁ, Magali Romero; LAMAS, Carlos José Einicker. Coleção entomológica do Instituto Oswaldo Cruz: resgate de acervo científico-histórico disperso pelo Massacre de Manguinhos. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 401-410, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/rpZT88x77WL7JWqQ5bbp4Gt/#>. Acesso em: 8 jun. 2022.

CRUZ, Oswaldo Gonçalves. Relatório acerca da moléstia reinante em Santos, (em 1899) apresentado a S. Exa., o Sr. Ministro da Justiça e Negócios Interiores. *In:* CRUZ, Oswaldo Gonçalves. **Opera Omnia.** Rio de Janeiro: Ex Libris, 1972.

CUKIERMAN, Henrique Luiz. **Yes, nós temos Pasteur:** Manguinhos, Oswaldo Cruz e a história da ciência no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2007.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Política de preservação dos acervos científicos e culturais da Fiocruz.** Rio de Janeiro: Fiocruz: COC, 2020.

GRUZMAN, Carla; FERREIRA, José Ribamar; MAYRINK, Fabiola. Projetos. *In:* BEVILAQUA, Diego Vaz; RAMALHO, Marina; ALCANTARA, Rita; COSTA, Tereza. **Museu**

**da Vida:** ciência e arte em Manguinhos. Rio de Janeiro: Fiocruz: Casa de Oswaldo Cruz, 2017. p. 28-71.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectivas, 2013. Disponível em: <https://ppec.ufms.br/files/2020/10/A-estrutura-das-revoluções-científicas-Kuhn.pdf>. Acesso em: 9 maio 2022.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação:** como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos:** ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 2019.

LENT, Herman. **O massacre de Manguinhos**. Rio de Janeiro: Fiocruz: Edições Livres, 2019.

LOPES, Maria Margaret. Por que História nos Museus e Centros de Ciência? *In:* MARANDINO, Martha; ALMEIDA, Adriana; VALENTE, Maria Esther. **Museu:** lugar do público. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009. p. 199-210.

OLIVEIRA, Benedito Tadeu de (coord.). **Um lugar para a ciência:** a formação do campus de Manguinhos. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

RANGEL, Marcio Ferreira. A Museologia no mundo contemporâneo. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 42 n. 3, p. 408-418, set./dez. 2013. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1371>. Acesso em: 9 maio 2022.

RANGEL, Marcio Ferreira. O papel estratégico das coleções científicas na construção da memória nacional. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO, 12., 2011. **Anais [...]**. Brasília: UnB, 2011.

SHAPIN, Steven. **Nunca Pura:** estudos históricos de ciência como se fora produzida por pessoas com corpos, situadas no tempo, no espaço, na cultura e na sociedade e que se empenham por credibilidade e autoridade. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

SHEINER, Tereza Cristina. O museu como processo. *In:* JULIÃO, Letícia (coord.). **Cadernos de diretrizes museológicas 2:** mediação em museus: curadorias,

exposições, ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais: Superintendência de Museus, 2008.

SILVA, Manuela da; SÁ, Magali Romero. Coleções vivas: as coleções microbiológicas da Fundação Oswaldo Cruz. **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, DF, v. 5, n. 9, p. 175-187, 2016.

SOARES, Pedro Paulo; NOGUEIRA, Inês. Antecedentes: 1900-1986. *In*: BEVILAQUA, Diego Vaz; RAMALHO, Marina; ALCANTARA, Rita; COSTA, Tereza. **Museu da Vida: ciência e arte em Manguinhos**. Rio de Janeiro: Fiocruz: Casa de Oswaldo Cruz, 2017. p. 12-27.

STEPAN, Nancy. **Gênese e Evolução da Ciência Brasileira: Oswaldo Cruz e a política de investigação científica e médica**. Rio de Janeiro: Arte-Nova, 1976.

**Copyright:** Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 



 [tpbci@ancib.org](mailto:tpbci@ancib.org)

 [@anciboficial](https://www.instagram.com/anciboficial)

 [@ancib\\_brasil](https://twitter.com/ancib_brasil)